

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.004](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.004)

AVALIAÇÃO FORMATIVA E REGULAÇÃO DAS APRENDIZAGENS POR MEIO DE RUBRICAS: EXPERIÊNCIA SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE BELA CRUZ, CEARÁ

Francisco José da Costa

Doutorando em Ensino de Ciências da Universidade Federal do Ceará – UFC, professor da Rede Estadual de ensino do Ceará, atuando como superintendente escolar na Regional de Educação CREDE 3- Acaraú, francisco.costa0682@gmail.com ;

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência vivenciada durante o acompanhamento pedagógico e a realização de formação sobre a implementação de avaliação formativa por meio do uso de rubricas. A ação envolveu 30 professores/as de duas escolas de Ensino Médio do Município de Bela Cruz, no Ceará. A formação ocorreu através de uma oficina que trouxe reflexões sobre a avaliação formativa, por meio de autoavaliação e heteroavaliação, com uso de rubricas e acompanhamento sistemático dos professores, permitindo o engajamento dos alunos na regulação de suas aprendizagens. Anteriormente à oficina, fez-se uma sondagem sobre os grandes desafios dos professores, destacando-se a avaliação com equidade como grande desafio, realizou-se também, estudo bibliográfico sobre a temática, visando fortalecer a ação formativa, que embasou-se em estudos de Perrenoud, Luckesi, Biagiotti, Barreira, Boavida e Nuno. A realização da oficina formativa, permitiu vivenciar, na visão dos professores, os desafios e as possibilidades da aplicação de rubricas como instrumentos

de avaliação formativa, destacando-se seu potencial para desenvolver o processo de auto e heteroavaliação, que, por sua vez, promove um maior engajamento dos estudantes no percurso formativo. Professores/as avaliaram positivamente a formação com possibilidade de implementação das rubricas. Concluiu-se que o processo avaliativo é um eixo central para o acompanhamento, planejamento e intervenções efetivas, e que a avaliação formativa deve ser parte essencial da formação continuada de professores, por sua capacidade de impulsionar a melhoria das práticas pedagógicas escolares, regulação das aprendizagens e a corresponsabilização da comunidade escolar com o percurso formativo das/os estudantes.

Palavras-chave: Avaliação Formativa, Formação de Professores, Regulação das Aprendizagens, Rubricas.

INTRODUÇÃO

Atualmente, um dos grandes desafios do processo de ensino e de aprendizagem é desenvolver um planejamento pedagógico sistemático, capaz de atender equitativamente as necessidades de aprendizagem dos alunos, que possibilite mensurar suas fragilidades e, desta forma, gerar um circuito de análise, intervenção e reflexão, subsidiando um processo avaliativo que dê ciência e envolver os estudantes como corresponsáveis por seu processo de aprendizagem. Soma-se a esse desafio, a dificuldade da gestão pedagógica escolar em garantir a seus professores e professoras, de forma institucionalizada, espaços formativos de aperfeiçoamento pedagógico para efetivação da avaliação formativa, subsidiando assim, a regulação das aprendizagens de forma contínua e corresponsabilização de professores e estudantes através de momentos de *feedbacks* propositivos.

Nesse aspecto e à luz das análises teóricas e práticas que fundamentam esse trabalho, considera-se a avaliação formativa como um processo capaz de detectar avanços e dificuldades nas aprendizagens dos alunos para promover ações interventivas e, assim, regular o processo de ensino-aprendizagem de forma contínua, sistemática e equitativa ao longo de todo o ano letivo. Busca-se fortalecer, junto aos professores, o sentido primordial da avaliação formativa, que é o de acompanhar o percurso da aprendizagem, mediante a articulação entre a coleta de informações, a ação mediadora e a intervenção propositiva, por meio de um processo de negociação e partilha de responsabilidades entre professoras/es e estudantes.

Nesta corrente de pensamento, este trabalho é resultado de uma ação de acompanhamento e ação formativa com professores de ensino médio da rede estadual de ensino do Ceará, ocorrida durante a jornada pedagógica de 2022, em duas escolas de ensino médio do município de Bela Cruz, que teve por objetivo aplicar uma oficina formativa com a temática: "Avaliação Formativa por meio de Rubricas", permitindo a vivência sobre o uso de rubricas como instrumento de avaliação por negociação, autoavaliação e heteroavaliação, com foco no acompanhamento sistemático das/os

professoras/es e na regulação das aprendizagens com responsabilização das/os estudantes.

Tal ação fundamenta-se nos estudos de Perrenoud (1999), o qual destaca que as intervenções pedagógicas, oportunizadas pela avaliação formativa, devem por natureza ser interativas, uma vez que atuam na construção dos conhecimentos em tempo real, possibilitando a melhoria da aprendizagem das/os estudantes por aproximações sucessivas, partindo da realidade encontrada para a idealizada pelo planejamento docente, situando-se como um processo de regulação intencional das aprendizagens.

Neste sentido, as rubricas são capazes de estimular esse processo de autoavaliação e regulação por parte do aluno e gerar subsídios para melhoria do planejamento de atividades pedagógicas pelas/os professoras/es.

Segundo Biagiotti (2004), a ideia é de possibilitar que as/os professoras/es criem os seus instrumentos de rubrica, em conformidade com os objetivos da aprendizagem e que estes sejam de conhecimento dos alunos. É importante permitir que eles sejam avaliados ao longo do processo e que tenham conhecimento de suas avaliações.

Com base nessa discussão, o presente trabalho visa discutir a importância da avaliação formativa, utilizando-se de rubricas de autoavaliação e heteroavaliação para o aperfeiçoamento do processo de aprendizagem e responsabilização das/os estudantes. Faz uma contextualização da experiência vivenciada, ao longo de discussões prévias com professores, durante o acompanhamento às escolas e durante a oficina de formação sobre avaliação formativa, bem como discutir os resultados do questionário avaliativo da mesma.

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO FORMATIVA NO FAZER PEDAGÓGICO DAS/OS PROFESSORAS/ES

Massivamente, a atuação avaliativa das/os professores sus-tenta-se na avaliação para verificação, contexto que precisa ser revisto para se trabalhar a avaliação alinhada ao processo de construção da aprendizagem, de forma que se faz necessário um processo avaliativo para além do ato de verificar.

Luckesi (2011) diferencia, assim, o ato de examinar do ato de avaliar. O primeiro ato é identificado como o processo simples de mensuração do conhecimento que, de forma estanque, classifica em aptos ou não, as/os educandas/os de forma definitiva, sem permitir aos atores envolvidos a oportunidade de reflexão sobre os resultados obtidos e a modificação da ação, se assim for necessário.

Nesse processo, a avaliação formativa tem um papel importante, redimensionando a atuação pedagógica das/os professoras/es com foco no acompanhamento, planejamento/replanejamento e regulação das estratégias didáticas, tornando-as capazes de elevar o nível de engajamento das/os estudantes e, conseqüentemente, a melhoria da aprendizagem.

De acordo com Reuchlin (1974, apud BARREIRA, BOAVIDA e NUNO, 2006), a avaliação formativa serve as/os alunas/os, dando-lhe informação sobre o seu rendimento escolar, proporcionando-lhe orientação, e possibilitando as/os professoras/es a informação sobre a turma e sobre a produtividade e a eficiência do seu ensino. Sob essa ótica, considera-se que a regulação da aprendizagem realizada pela avaliação formativa opera tanto através da ação das/os professores, que ajusta o seu planejamento com base nos resultados encontrados no processo educativo, mas, especialmente, por meio da ação da/o estudante, ou seja, na autorregulação das suas próprias aprendizagens.

Nessa perspectiva, deve-se considerar a avaliação formativa como essencial para o fazer pedagógico das/os professores. Esse pensamento corrobora com Serpa (1997), o qual destaca que a avaliação formativa deve estar centrada na/o aluna/o e preocupada com os objetivos que o mesmo pode e deve alcançar, questionando a intervenção das/os professores, as condições de aprendizagem da escola e do sistema educacional.

Para Ribeiro (1989), a avaliação continua não é mais do que uma “avaliação formativa permanente”, pois, ao produzir “uma verificação continuada” do aproveitamento das/os estudantes, proporciona uma orientação completa e vai fornecendo um *feedback* ao processo de ensino.

De acordo com Biagiotti (2004), as rubricas possuem duas características importantes para o processo de regulação das aprendizagens, a primeira e sua ação gradativa, que explicar

gradualmente o desempenho que se espera de um aluno com relação a uma tarefa individual, em grupo, ou em relação a uma unidade de ensino como um todo. A segunda é a transparência, permitindo que os alunos saibam os critérios de avaliação e tenham controle do seu aprendizado. Desta forma, o uso de rubricas, se bem trabalhado e integrado ao ensino, pode engajar e fortalecer o percurso formativo das/os estudantes.

Atrelado a esse processo, o uso de rubricas também pode fortalecer o processo de registro e movimentos reflexivos capaz empoderar os estudantes e torná-los mais protagonistas de suas aprendizagens, isso pode ser conquistado, por meio de um processo de negociação e construção da aprendizagem de forma responsável. Segundo Fernandes (2005), ao adotar um processo de avaliação por negociação, os professores devem partilhar o poder de avaliar com os alunos, utilizando-se de uma variedade de técnicas e instrumentos avaliativos. E também permitir momentos de *feedback*, de várias formas, frequência e distribuição, garantindo assim, integrar a avaliação formativa de forma efetiva no processo de ensino e de aprendizagem.

Nesse contexto, faz-se necessário fortalecer a ação das/os professores por meio de processo formativo adequado e contínuo, uma vez que, para mudanças no processo avaliativo e consequentemente implementação de um processo de avaliação formativa, requer espaço para estudo, reflexão, construção e reconstrução de instrumentos e práticas, por meio de um processo coletivo envolvendo gestão, professoras/es e estudantes.

De acordo com Luckesi (2011), o ato de avaliar supera o caráter unidirecional e verificatório tradicional e passa a ter o caráter bidirecional e intervencionista, primordial na formação do educando e no aprimoramento da prática docente, isto é, abre a possibilidade de qualificar e criar novas práticas pedagógicas.

O contexto de mudanças na prática pedagógica atrelada ao processo avaliativo requer mudança de paradigma das/os professores, com relação as suas crenças avaliativas e reflexão sobre o contexto que pretende mudar e o ideal que precisa implementar. Tal mudança corrobora com o pensamento de Souza e Teodora (2015), quando afirmam que a inversão paradigmática do fazer docente

permite que as/os “professoras/es tenham claro, antes de sua utilização, o significado que ele atribui a sua ação educativa”.

Para Perrenoud (1999), o ato de avaliar tem como objetivo orientar e reorientar o processo de ensino, contribuindo de forma decisiva para sua lapidação e conseqüentemente para a melhoria da aprendizagem, pois a verdadeira ação pedagógica se fundamenta na “intervenção diferenciada”, criando meios para que todos os sujeitos do processo aprendam. Nessa perspectiva, a formação continuada de professoras e professores deveria ser embasada em dados coletados a partir de um instrumento avaliativo eficiente.

Para Bonniol e Vidal (2001, p.179), “toda a avaliação visa mais ou menos explicitamente aumentar a racionalidade da decisão pública”, isto é, esse processo precisa dispor de instrumentos eficientes para a coleta de dados, reflexão e *feedback* coletivo que envolva a toda a comunidade escolar, as rubricas são instrumentos que podem contextualizar os dados da avaliação quantitativa e assim, aperfeiçoar a tomada de decisões. Para que tal ação ocorra de forma efetiva, a formação das/os professoras/es precisa ser parte desse processo, tornando-se um instrumento eficiente para a aprendizagem desses sujeitos.

Nesta corrente de pensamento, fazer pedagógico, processo avaliativo, formação de professores são ações essenciais que de forma integrada, devem permitir ação mais efetiva de melhoria da aprendizagem pautada no engajamento das/os estudantes.

METODOLOGIA

Utilizou-se, para elaboração desse trabalho, método de pesquisa do tipo qualitativa e exploratória, que, de acordo com Gil (2002), visa proporcionar uma maior familiaridade com a temática estudada, é de natureza aplicada por gerar conhecimentos e análises a partir de uma ação prática, neste caso, a formação de professores, possibilitando assim, gerar conhecimentos sobre a efetivação e avaliação de uma determinada ação desenvolvida por pesquisadores.

A ação de formação ocorreu com um público de 30 professoras/es de duas escolas estaduais de Ensino Médio em Tempo Integral, localizadas no município de Bela Cruz, no estado do Ceará.

As escolas eram acompanhadas pelo pesquisador/formador que tinha a função de superintendente escolar das mesmas.

A estruturação da ação relatada deu-se em duas etapas. Na primeira etapa, realizou-se uma sondagem junto as/os professoras/es e gestores/as da escola sobre os grandes desafios do processo de ensino e de aprendizagem no atual cenário de retorno às aulas (pós-pandemia) e de recomposição das aprendizagens, bem como, estudo bibliográfico sobre a temática para fundamentação da etapa de formação. A segunda etapa se deu através da realização da oficina de avaliação formativa por meio de rubricas, que resultou em muitas reflexões dos processos de autorregulação das aprendizagens, auto e heteroavaliação, finalizando-se com uma avaliação do momento formativo pelos participantes. Na análise das falas e dados da avaliação, as/os professoras/es são indicados como P e enumerados em ordem crescente, de acordo com a ordem de análise.

Todo esse processo ocorreu de forma integrada, já que se buscou uma pesquisa de cunho teórico, que respaldasse o desenvolvimento de toda a ação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acompanhamento prévio sobre as necessidades de formação das/os professoras/es, as percepções durante a oficina formativa, a avaliação das/os participantes, o referencial teórico utilizado proporcionaram análise dos resultados ora discutidos nesta seção.

Inicialmente, houve acompanhamento do pesquisador à escola, uma vez que atuava como superintendente escolar das duas unidades de ensino. Realizou momento de diálogo com professores/as e gestores/as e, através de uma enquete, na qual os participantes listaram em ordem de prioridade os maiores desafios enfrentados pelas/os professoras/es em relação ao processo de ensino e de aprendizagem, disponibilizou-se os itens pré-definidos e os desafios a seguir: planejamento e gestão do currículo; dinâmica de sala de aula, criatividade e inovação; realização do processo de avaliação da aprendizagem, com equidade e intervenções, de acordo com as

necessidades dos estudantes; engajamento dos estudantes como protagonistas e corresponsáveis pelo processo de aprendizagem.

O resultado da enquete demonstrou que o desafio prioritário, na concepção das/os professoras/es, era o de engajar os estudantes como protagonistas e corresponsáveis pelo processo de aprendizagem. O segundo desafio prioritário foi o de realizar processo de avaliação da aprendizagem com equidade e com intervenções, de acordo com as necessidades das/os estudantes. Tais prioridades, segundo os professores, surgem pelo fato de as/os “estudantes não quererem estudar”, “serem apáticos em sala de aula”, “não participarem”. A partir desta constatação, realizou-se, estudo bibliográfico sobre a temática e identificou-se o potencial das rubricas como possibilidade de intervenções e resolveu-se, em um segundo momento, realizar a oficina sobre avaliação formativa por meio de rubricas.

A necessidade da ação formativa com essa temática ancorou-se nos desafios elencados pelas/os professoras/es e fundamentou-se nas ideias de pesquisadores como Silva (2004), o qual destaca que o sentido da avaliação é compreender o que se passa na interação entre o ensino e a aprendizagem para uma intervenção consciente e melhorada das/os professoras/es, refazendo seu planejamento para que o estudante tenha consciência de sua trajetória de aprendizagem e possa criar suas próprias estratégias de autorregulação.

Nesse contexto, observa-se que as/os professoras/es necessitam fortalecer o processo de ensino, com instrumento de avaliação que permita a auto-análise das/os estudantes sobre seu percurso acadêmico, suas fragilidades, possibilidades e encaminhamentos de melhoria, gerando um circuito contínuo de autoavaliação e heteroavaliação apoiado pela/o professora/o, o que poderá engajar os alunos no processo e, conseqüentemente, alavancar suas aprendizagens.

Tal necessidade está de acordo com Barreira, Boavida e Nuno(2006, p.106), ao afirmarem que “a construção de uma avaliação que permita a regulação contínua do processo educativo exige que os objetivos pedagógicos sejam definidos de forma clara e que os critérios de avaliação sejam conhecidos e assimilados pelos alunos”.

No segundo momento, realizou-se a oficina de formação, que ocorreu durante a Jornada Pedagógica de 2022. Iniciou-se a oficina refletindo-se sobre o seguinte aspecto: se, no processo de avaliação, os professores estão realizando uma **“avaliação para a aprendizagem”?**, visando um acompanhamento sistemático e formativo, no qual professoras/es e estudantes conseguem refletir sobre seu percurso formativo, suas fragilidades, seus pontos a melhorar e estratégias de intervenção, já que o foco não é somente verificar, mas sim auto regular o processo, em um circuito contínuo e integrado, que deve ocorrer ao longo de todo o ano; ou se estão somente **verificando a aprendizagem”?**, com foco somente na mensuração dos acertos, por meio de testes ao final de cada unidade e sem espaço para reflexão e *feedback* com as/os estudantes. Alguns professores responderam ao questionamento com as seguintes falas:

No nosso contexto, dado ao grande número de alunos, não temos condições de realizar avaliação sistemática e formativa.(P1).

Eu até tento fazer avaliações mais qualitativas, mas realmente não temos tempo de refletir com os estudantes sobre percurso de aprendizagem e nem instrumentos para isso. (P2)

Entendo que só temos condições para realizar avaliação de verificação somativa, acho super importante a ideia de trabalhar um processo que reflita e envolva os alunos, mas não vejo espaço e nem como fazer isso de forma efetiva.(P3).

Eu acreditava que realizava um processo de avaliação formativa, só que em minha prática não consigo fazer esse movimento de análise, reflexão e autorregulação das aprendizagens.(P4).

As vezes realizamos um processo de reflexão dos resultados de aprendizagem, mas de forma coletiva na aula de formação para cidadania ao final do bimestre, na minha disciplina específica não ocorre, sinto que trabalhamos somente com a verificação da aprendizagem.(P5).

Tento realizar avaliação formativa, sempre busco discutir com os alunos os erros e os acertos nas

avaliações, só que nem sempre consigo fazer em todos os períodos. (P6).

As falas das/os professoras/es demonstram claramente, a necessidade da gestão escolar exercitar momentos formativos e instrumentalizar-se, de forma sistemática, para implementação da avaliação formativa, com maior equidade nas intervenções, nos *feedbacks*, sempre pautadas nas necessidades individuais dos estudantes, isto é, com foco na regulação das aprendizagens e de forma contínua.

De acordo com Barreira, Boavida e Nuno(2006), a avaliação contínua adquire uma particular importância nas interações das/os estudantes com as/os professores/as, com as/os outras/os estudantes com o material pedagógico, possibilitando momentos de avaliação (ou autoavaliação), que vão permitir fazer reformulações e aperfeiçoamentos no processo de ensino-aprendizagem. Quando as/os professoras/es destacam em suas falas que realizam reflexões com as/os estudantes, sobre os indicadores de aprendizagem somente ao final e cada bimestre e no geral nas aulas de formação para cidadania, pode se inferir que, ainda não há um processo efetivo e sistemático de avaliação contínua e formativa concretizado na ação da escola. Também pode-se inferir que a escola não dispõe de instrumentos que permitem as/os estudantes realizarem autoavaliação sobre seu desenvolvimento e aprendizagens ao longo da execução das atividades pedagógicas.

Durante a oficina formativa, refletiu-se também sobre o que? como e quando? ocorre a avaliação formativa na escola, de acordo com a sistemática descrita no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Avaliação Formativa no processo de ensino-aprendizagem

O QUE AVALIAR?	COMO AVALIAR?	QUANDO AVALIAR?
Os progressos, dificuldades e bloqueios, relacionados aos objetos de conhecimentos desenvolvidos, que marcam o processo de aprendizagem	Estratégias, métodos e instrumentos avaliativos diversos; A avaliação será mais válida quanto mais estiver integrada às atividades cotidianas de sala de aula, de tal forma que não seja identificada pelo aluno como atividade avaliativa.	Durante o processo de aprendizagem, de forma sistemática e processual.

Fonte: COOL, C. Psicologia e Currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Editora Ática, 2002 (adaptado).

A oficina formativa, permitiu a apresentação de várias possibilidades de rubricas para avaliação de trabalhos em grupos, mapas conceituais, resenhas críticas, textos colaborativos, utilizando-se de modelos prontos e adaptáveis, elaborados por especialistas e disponíveis na literatura. Durante a apresentação desses modelos, foi disponibilizado as/os professoras/es alguns modelos de rubricas para registros de suas aprendizagens e autoavaliação, tornando o momento mais prático.

A principal discussão da oficina foi em torno de um modelo específico de rubrica, que foi denominada como rubrica global, tal modelo organizado pelo próprio formador.

No momento da discussão sobre a rubrica global, foi entregue as/os professoras/es o modelo da rubrica, o formador explicou cada um dos tópicos que a compõem, e o objetivo de sua aplicação no contexto da avaliação formativa e regulação das aprendizagens. Destacou-se que no ponto 1 do instrumental, ciência ao estudante sobre a metodologia da aula, o foco está em iniciar um processo de engajamento prévio do estudante com a ação pedagógica a ser desenvolvida, e ao mesmo tempo sensibilizá-los sobre o que se espera deles ao longo da unidade de estudo. Os pontos 2 e 3, autoavaliação e heteroavaliação respectivamente, são processo cruciais e estratégicos para a regulação das aprendizagens. Iniciando-se pela reflexão dos estudantes sobre sua rotina de estudo e aprendizagens, segue-se, o circuito com um momento de *feedback* do professor ao aluno, na etapa de heteroavaliação. No momento de *feedback* ocorre os encaminhamentos de intervenção e também, negociação do processo pedagógico avaliativo, tornando o ato de avaliar, em um ato coletivo e fortalecendo a corresponsabilidade dos estudantes como protagonistas do processo. O quadro 2, a seguir, representa o modelo de rubrica, conforme apresentado aos professores durante a formação.

Quadro 2- Modelo de Rubrica global para regulação das aprendizagens

1 - CIÊNCIA AO ESTUDANTE SOBRE PROPOSTA E METODOLOGIA DA AULA			
CONTEÚDO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	PERIODICIDADE
Indicar o tema da aula? Indicar conceitos/habilidades ou atitudes que pretende desenvolver?	O que se espera que o aluno aprenda? Como ele deve aplicar essa aprendizagem?	Indicar os passos organizados para condução da aula? Indicar a postura que é esperada dos estudantes durante as aulas?	Colocar o período de execução da rubrica Sugere-se que o período mínimo seja Quinzenal
2 - AUTOAVALIAÇÃO - REGULAÇÃO DAS APRENDIZAGENS - ALUNO			
NÍVEIS DE DESEMPENHO			
<p>Marcar o nível de desempenho em que se encontra e atribuir uma autonota dentro do intervá-lo de nota do nível.</p> <p>() Satisfatório Nota: 8-10 autonota: _____</p> <p>() Pouco Satisfatório Nota: 6-8 autonota: _____</p> <p>() Insatisfatório Nota: 1-5 autonota: _____</p>			<p>Autoencaminhamento para regulação da rotina e melhoria da aprendizagem</p> <p>() Revisar estudo sobre a temática via video aulas na internet;</p> <p>() Priorizar a resolução de exercícios do livro e outros;</p> <p>() Estudar com um colega;</p> <p>() Tira dúvida com o professor/tutor;</p> <p>() outros: _____</p>
Entendi todo o conteúdo a partir da explanação do professor, consigo resolver o exercício em diferentes níveis	Entendi o conteúdo em partes, estou com dúvidas em resolver os exercícios mais complexos.	Não entendi a explicação do conteúdo e estou com muita dificuldade em resolver os exercícios	
Observações Gerais sobre a autoavaliação			
3 - HETEROAVALIAÇÃO, MOMENTO DE FEEDBACK PROFESSORA/A-ALUNOS			
NÍVEIS DE DESEMPENHO			
<p>Marcar o nível de desempenho em que se encontra e atribuir uma autonota dentro do intervá-lo de nota do nível.</p> <p>() Satisfatório Nota: 8-10 autonota: _____</p> <p>() Pouco Satisfatório Nota: 6-8 autonota: _____</p> <p>() Insatisfatório Nota: 1-5 autonota: _____</p>			<p>Encaminhamentos de recuperação e regulação das aprendizagens</p> <p>() Participar da aula de recuperação;</p> <p>() Resolver exercícios de aprofundamento;</p> <p>() Engajar-se no grupo de estudo com monitores;</p> <p>() ajustar rotina de estudos.</p>
Participou ativamente das aulas e resolveu todos os exercícios de forma qualificada, apresentando na atividade evidências de profundidade na resolução	Participou de forma mediana nas aulas, entregou atividades com evidência de resolução positiva nos itens de nível básico e médio e dificuldades nos itens de nível complexo	Participou das aulas de forma tímida e a resolução de exercícios deixou a desejar nos itens intermediários e adequados	
Observações Gerais sobre a Heteroavaliação			

Fonte: elaboração própria(2022)

Após as discussões sobre as partes que compõem a rubrica global e seus objetivos, foi solicitado que as/os professoras/es analisassem o modelo, observando se o mesmo poderia ser aplicada no contexto de sala de aula.

Professoras/es avaliaram como possível a utilização da rubrica, entretanto, viam como desafio para sua utilização, aplicar ao mesmo tempo e de forma contínua, em todas as turmas, uma vez que a maioria delas/es possuíam em torno de 12 turmas. Em relação a essa dificuldade, refletiu-se sobre a possibilidade de cada professor/a utilizar a rubrica para acompanhamento de uma das turmas, em que os indicadores de sua disciplina apresentassem como mais críticos. Uma outra estratégia era fazer um trabalho de utilização por área do conhecimento, na qual as/os professoras/es daquela área planejavam juntos as estratégias de intervenção, aplicariam a rubrica e dividiriam o trabalho de *feedback* e autorregulação, tornando o trabalho integrado e mais exequível.

Enfatizou-se que, para implementação desse processo avaliativo, fazia-se necessário uma sistematização e institucionalização do processo na escola como um todo, sendo alinhado e acompanhado pela gestão escolar.

Professoras/es também destacaram como dificuldade de implementação a organização e alimentação contínua dessas rubricas e o tempo para preenchimento pelos alunos, análise do professor e realização do momento de heteroavaliação. Em relação a essa dificuldade, uma possibilidade seria alocar a rubrica em ambiente virtual, no Google sala de aula, por exemplo, a mesma seria alimentada pelas/os estudantes a cada quinze dias de aula e, semanalmente, o/a professor/a daria devolutivas pela própria rubrica alocada no drive e, a cada mês, o/a professor/a faria uma heteroavaliação durante as aulas, de forma pré-estabelecida com os estudantes, após esse ciclo, veriam a possibilidade de adaptação da rubrica para os próximos períodos, se necessário.

Ao final da formação, foi aplicado um questionário de avaliação da formação, com 3 perguntas, as quais as respostas foram sistematizadas a seguir.

Na pergunta 1, averiguou-se como a oficina de avaliação formativa, com uso de rubricas, contribuiu com reflexões para planejamento e aperfeiçoamento de sua prática pedagógica? 100%

das/os professoras/es responderam que sim, que contribuiu muito e alguns justificaram com os seguintes registros:

Apreendi que o ato de avaliar deve ser refletido e fazer parte do nosso planejamento pedagógico e deve ocorrer de forma contínua. (P7).

A formação contribuiu com o aprendizado de novas formas de avaliar os estudantes e como se planejar para isso.(P8).

Me apresentou um leque de possibilidades avaliativas e como utilizá-las da forma correta, as rubricas são ótimas por que adaptamos de acordo com os objetivos de aprendizagem que pretendemos e os alunos ficam cientes sobre como serão avaliados no processo. (P9).

O momento ampliou meu olhar, sobre como posso avaliar de forma individualizada cada aluno, muitas vezes nos preocupamos somente com as notas e esquecemos dos desafios de aprendizagem enfrentado por cada aluno na sua individualidade.(P10).

O instrumental de avaliação apresentado possibilita um olhar sobre o processo de aprendizagem como algo mais significativo para o aluno, uma vez que ele participa do processo com sua autoavaliação.(P11).

Nos fez refletir que avaliação é um processo cooperativo e que devemos inovar nas possibilidades de avaliar e de intervir.(P12).

As citações acima, coletadas na avaliação, corroboram com o objetivo desta pesquisa ao endossar a necessidade de implementação da avaliação formativa, como forma de sistematizar um processo contínuo de autoavaliação e *feedback* para os alunos e de replanejamento da ação pedagógica pelo professor, tornando o processo de aprendizagem mais significativo. Tais aspectos corroboram com o pensamento de Perrenoud (1999), o qual afirma que o ato de avaliar tem como objetivo orientar e reorientar o processo de ensino, contribuindo de forma decisiva para sua lapidação e, consequentemente, com a melhoria da aprendizagem, pois a verdadeira ação pedagógica se fundamenta na “intervenção diferenciada”, criando meios para que todos os sujeitos do processo aprendam.

Na questão 2 da avaliação, foi perguntado se, em uma escala de 0 a 5, como as/os professoras/es avaliam a oficina de formação sobre avaliação formativa com uso de rubricas considerando 0- satisfatória e 5- muito satisfatória, e se implantariam em suas rotinas as rubricas? 100% dos professores assinalaram os campos 4 ou 5, evidenciando que a formação foi avaliada como muita satisfatória, correspondendo assim, as suas necessidades de reflexão e ação sobre o processo avaliativo no contexto do planejamento pedagógico. Com relação a implementação das rubricas, professoras/es afirmaram que pretendem implementar dada a sua importância para melhoria dos procedimentos de avaliação e engajamento das/os estudantes, alguns destacaram, que para essa ação de implementação, faz-se necessário planejamento e sistematização coletiva e com apoio da gestão.

Na questão 3, foi perguntado se é necessário haver outros momentos formativos, para aperfeiçoar o processo de avaliação? 100% das/os professoras/es responderam que se faz necessário haver momentos sistemáticos e contínuos de formação sobre a temática durante a rotina de planejamento coletivo da escola para, desta forma, permitir que as/os mesmas/os se apropriem ainda mais das técnicas de avaliação formativa, assim, implementarem de forma mais efetiva. Esta última questão tinha a intenção de diagnosticar as necessidades futuras do grupo com relação à temática e apresenta um desafio para as escolas, que é o de promover momentos formativos sistemáticos para fortalecer os processos e instrumentos de avaliação adotados pela escola, tornando-os mais efetivos e engajadores de estudantes e professores na responsabilização pelo processo de aprendizagem.

Ao final da formação, foi repassado todo o material formativo para as/os coordenadoras/es escolares, que se comprometeram em sistematizar momentos formativos e de implementação das rubricas para fortalecer a avaliação formativa na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se, durante todas as etapas de execução da ação formativa relatada, que a temática da avaliação formativa ainda é pouco experimentada no contexto de planejamento e

desenvolvimento das ações pedagógicas escolares. Tal fato deve-se à falta de instrumentalização e de momentos formativos sistemáticos e contínuos que permitam as/os professoras/es refletirem sobre suas prática, vivenciarem adequações do processo avaliativo, ser acompanhado e apoiado para aperfeiçoamento desse processo.

De acordo com as evidências coletadas durante o processo formativo e avaliação do mesmo, foi possível perceber que as/os professoras/es enfrentam grandes desafios para implementar processos efetivos de avaliação formativa, tais como: grande quantidade de alunos atendidos, falta de sistematização do planejamento das atividades de forma integrada, não institucionalização de momento de *feedback* e autoavaliação, como parte do processo avaliativo e cultura de desengajamento dos alunos na participação e na tomada de decisão sobre a sistemática de avaliação da escola.

O momento formativo permitiu vivenciar, na visão das/os professoras/es, os desafios e as possibilidades da aplicação de rubricas como instrumentos de avaliação formativa, destacando-se seu potencial para desenvolver o processo de auto e heteroavaliação, que, por sua vez, permite um maior engajamento dos estudantes no percurso formativo de construção da aprendizagem e também permite ao professor olhar para o percurso e fazer ajustes no processo de intervenções e nos instrumentos avaliativos.

Espera-se que as discussões promovidas, ao longo desse relato de experiência, possam motivar gestores e professores a repensarem seus processos avaliativos e, desta forma, permitam-se experimentar novos instrumentos de avaliação e construir, por meio de rubricas, instrumentais mais acessíveis ao deslocamento formativo, reflexão e regulação das aprendizagens em torno de um circuito de engajamento de professores e professoras, estudantes e gestão, no processo de melhoria dos resultados de aprendizagem. Destarte, conclui-se que o processo avaliativo é um eixo central para o acompanhamento, planejamento a boa condução dos processos escolares. Desta forma, deve ser parte essencial da formação continuada de professores e professora, por sua capacidade de impulsionar a melhoria das práticas pedagógicas escolares e a corresponsabilização de toda a comunidade escolar com o percurso formativo dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, C. BOAVIDA, J. NUNO, A. Avaliação formativa: novas formas de ensinar e aprender. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano 40, v.3, p.96-133, 2006. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316.2/4472>> acesso em 12 de janeiro de 2022.

BIAGIOTTI, L.C.M. **Avaliação em EAD**: procedimentos de avaliação educacional em cursos de longa distância da Marinha do Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências Pedagógicas) – Instituto Superior de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, 2004.

BONNIOL, J.J. VIAL, M. **Modelos de avaliação: textos fundamentais**. Porto Alegre/RS: Artmed Editora, 2001.

COOL, C. **Psicologia e Currículo**: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FERNANDES, D. **Avaliação das aprendizagens**: Desafios às teorias, práticas e políticas. Lisboa: Texto Editores, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª ed., São Paulo/SP: Cortez Editora, 2011.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens** – entre duas lógicas. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RIBEIRO, L. C. **Avaliação da aprendizagem**. Lisboa: Texto Editora, 1989

SERPA, M. **Avaliação formativa**: lugar de exclusividade para assegurar a qualidade do ensino? In ESTRELA, A. FERNANDES, R. COSTA, F. A. Costa, I. Narciso & O. Valério (Eds.) Contributos da investigação científica para a qualidade do ensino. V. 1, p. 193-210 . Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1997.

SILVA, J.F. Avaliação na Perspectiva Formativa-Reguladora: pressupostos teóricos e práticos. Porto Alegre: **Mediação**, 2004.

SOUZA, C. P. de; TEODORA, R. **Avaliação Formadora**. In: TORRES, Patrícia Lupion (Org.). Metodologias para a construção do conhecimento: da concepção à prática. 1ª ed., Paraná: SENAR Editora, Curitiba/PR, p. 325-369, 2015, .